Ano III - Número 139 26 de janeiro de 2011

Notícias Maristas

139

Irmãos Maristas - Casa Geral - Roma

www.champagnat.org

Novidades

26/01/2011: Irmãos falecidos: Richard Johannes Straβner (Europe Centre-Ouest); Delfim Elias - Brasil Centro-Sul

26/01/2011: Encontro provincial da Província Mediterrânea

25/01/2011: Álbum fotográfico: Aniversário do Ir. Emili Turú, Superior Geral

25/01/2011: Ir. Mario Iori (1912-2011)

24/01/2011: Irmãos falecidos: Emmanuel Gros (Prov. L'Hermitage); Julio Valbuena Garrán (Prov. América Central)

24/01/2011: Novo livro recebido: Plano de Formação Marista (Comissão de Animação Vocacional e Formação)

24/01/2011: Oração para a inauguração do Noviciado Marista do Brasil

24/01/2011: Lançamento do Centenário da Vida Marista, na RD do Congo

22/01/2011: Os participantes da missão Ad Gentes e as leituras da Epifania

21/01/2011: Irmãos Francisco, Basílio Rueda e Alfano

20/01/2011: Álbum fotográfico: Centro S. Marcelino Champagnat de Bucarest

20/01/2011: Fotos do postulantado de Ampahidrano, Madagascar

NOTÍCIAS MARISTAS
N.º 139 – Ano III – 26 de janeiro de 2011

Diretor:
Ir. AMEstaún

Produção:
Sr. Luiz da Rosa

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel.: (39) 06 54 51 71
E-mail : publica@fms.it
Site: www. champagnat.org

Edição:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Geral – Roma

Nosso retrato

Irmãos Francisco, Basílio Rueda e Alfano

Quando estamos atentos aos modelos de santidade de nossa Família Marista, o mês de janeiro apresenta uma coincidência única de datas:

* No dia 21 de janeiro lembramos a morte (1996) e a vida do Irmão Basílio Rueda;
* no dia 22 de janeiro, a morte (1881) e, portanto, a vida do Irmão Francisco;
* nesse mesmo dia 22, foi assinado o decreto de heroicidade das virtudes do Ir. Alfano (1991).

Os três Irmãos, que têm sua causa introduzida como confessores, serão lembrados nos próximos dias. E essas datas foram precedidas pela da fundação de nossa Família, dia 02 de janeiro. De um lado, a fonte, o começo; doutro, três Irmãos que receberam o carisma marista e lhe conferiram uma luminosidade em que brilha a santidade.

Os três Irmãos, Basílio, Francisco e Alfano são muito diferentes; cada um desenvolveu uma faceta do grande retrato do Irmão: viver nas fronteiras da Igreja e viver no coração da Igreja, viver com os homens e viver com Deus; trabalhar para tornar Cristo conhecido entre os jovens e trabalhar para enraizar profundamente o Cristo na alma dos apóstolos.

Observando nossos diversos modelos de santidade, nossos confessores - Francisco, Alfano, Basílio, e nossos mártires da Oceania, da China, da Espanha, da África - podemos perguntar-nos qual é a imagem ou figura de Irmão que se deduz. Considerando a vida e a atividade de milhares de Irmãos, através do mundo, qual é o mosaico que se desvenda e que seja a imagem, o tipo do Irmão?

A resposta parece nascer de um quadro de nosso Fundador, feito por ocasião da canonização ou um pouco antes: era feito com milhares de rostos, rostos de Irmãos e, em cada rosto de Irmão, era possível adivinhar os inumeráveis rostos de crianças e jovens

que os Irmãos tinham educado. Constitui bem uma das respostas; essa imagem do Fundador, formada pelo rosto e pela vida de tantos Irmãos é o retrato ideal do Irmão. A figura-tipo do Irmão resulta da soma da vida e da missão de todos os Irmãos. Esse quadro traduz a "comunhão dos santos maristas". Quando o Irmão Francisco decide ser "a cópia vida do Fundador", ele tem uma intuição absolutamente certa. No DNA de todo verdadeiro Irmão está a cópia do Fundador.

No entanto, nossos santos maristas souberam sublinhar certos traços de modo que, ao olhá-los, vemos mais claramente quem nós somos. O Ir. Francisco e o Ir. Alfano cultivaram muito a interioridade, a vida de união com Cristo. Formadores de Irmãos, na verdade, podiam dizer por suas vidas: "O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida,... O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1,1-3). Na imagem do Irmão, há uma característica básica: escutar, ver, tocar, contemplar, viver com o Senhor. Sem essa vida de intimidade, nenhum Irmão pode sê-lo de verdade.

O Irmão Basílio nos diz que a missão do Irmão, de fato, não tem fronteiras; ela abraça toda a ambição do Fundador que dizia: "Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos". Quando de seu trabalho no "Mundo Melhor", de 1961 a 1964, ele atravessou muitos países: Equador, Colômbia, Venezuela, Chile, os países da América Central, Espanha, Itália, formando sacerdotes, pregando a bispos, correndo à frente do Concílio Vaticano II... Basílio expandiu imensamente a missão do Irmão, mostrando-nos que, quando se trata de anunciar o Cristo, de servir a Igreja, não há fronteiras. Eleito Superior geral, ele vai repisar viagens para estar perto de todos os Irmãos.

Outros Irmãos optaram pelas fronteiras difíceis da Igreja: o Ir. Henri Vergès, no diálogo com o mundo muçulmano; os Irmãos Servando, Miguel Ángel, Fernando e Julio que preferiram socorrer um acampamento inumano de refugiados, em vez de atuar em seus belos colégios ou em outras missões tranquilas. Eles são os verdadeiros pioneiros da "missio ad gentes". Colocaram em jogo seu coração e sua vida, e esta até perdê-la. Tornar-se próximo, entregar a vida em favor dos últimos, eis outro traço forte da imagem-tipo do Irmão.

Não foi diferente para nossos mártires da Espanha. Em plena tormenta, continuaram a abrir escolas; enquanto puderam, mantiveram o contanto com os jovens. Aconteceu de o mestre e o discípulo serem fuzilados juntos. Irmãos de grande cultura ou Irmãos ocupados em atividades manuais, juntos marcharam para o martírio, dizendo-nos quanto o Cristo era para eles o absoluto. Todos esses mártires acrescentaram traços de audácia e de fidelidade absoluta no retrato do Irmão.

Nossos santos viveram longe da mediocridade: cilada concreta e frequente, tentação de instalar-se, de contentar-se com uma vida de hábitos, marcada pelo sino, pela campainha, pelo relógio, pelo celular... Contrariamente à vida instalada, o Ir. Bernardo multiplicava as iniciativas apostólicas: círculos de estudo, companhias teatrais, biblioteca itinerante, bolsas de estudo para os alunos pobres, caderneta de poupança para os jovens que trabalhavam em minas, movimentos apostólicos com os jovens, conferências culturais, vigílias de oração, acolhimento de pobres, atividades folclóricas, visitas aos doentes, despertar e acompanhar vocações. Bernardo estava longe de ser um instalado. Com generosidade grande, inventiva e humana, encontrava constantemente novos espaços de apostolado. Estar à espreita de novos campos de apostolado, no mundo dos jovens, é um aspecto do rosto do Irmão que Bernardo, mas também Laurentino, Virgílio e os mártires vivem e relembram.

Nossos modelos de santidade acrescentam, na imagem-tipo do Irmão, traços que traduzem a audácia e a ternura, a interioridade e a mão estendida aos homens, uma vida mais próxima de Deus e uma vida preocupada com os sofrimentos e as alegrias dos jovens. Todos poderiam apropriar-se da frase que muitas vezes concluía as cartas do Irmão Francisco: "Vocês sabem muito bem, Irmãos, que sempre os amei ternamente!" Eles estiveram bem atentos em cultivar a fraternidade que é a primeira característica do rosto do Irmão.

Todas as ambições de Marcelino são acolhidas, tanto os primeiros lugares junto ao presépio, à cruz e ao altar, quanto a ambição apostólica em que cabem "todas as dioceses do mundo". Nossos santos maristas cultivam a sensibilidade do Fundador para descobrir novas terras de missão, e, junto aos jovens, novas aspirações, dificuldades desconhecidas antes e que, hoje, requerem a proximidade atenciosa de um Irmão.

Os nossos santos dizem que nosso retrato de Irmão nunca é feito uma vez por todas; ele se aperfeiçoa com todas as contribuições originais que cada Irmão traz. Trata-se de um rosto vivo, que se ilumina, por vezes se esvanece, e pelo qual sou responsável; sou responsável por sua luminosidade, pela sua capacidade de anunciar Jesus, capacidade de expressar "o Irmão", sem ambigüidades.

Há dois rostos do Irmão: aquele oficial, síntese da vida, do trabalho, da oração dos Irmãos que formam a Família marista. O outro rosto é aquele que brilha na fisionomia de cada Irmão e que é o mais próximo das pessoas; aquele que os jovens podem ver, observando-nos. É, sobretudo, neste rosto que os jovens poderão descobrir ou não descobrir o Cristo; contemplá-lo e amá-lo, ou então ver apenas uma fisionomia humana banal. Para que o Senhor brilhe sobre nós precisamos expor-nos à sua luz, cultivar sua intimidade. Então poderemos dizer: "O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida,... O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco.

A Virgem Maria na vida do Irmão marista

De um lugar para Maria no Instituto a um lugar com Maria na Igreja

A Casa geral celebrava a festa de São Marcelino Champagnat. Era sábado, 5 de junho de 2010. Os Superiores decidiram adiantar a celebração de um dia, porque o dia 5 era sábado. Convidaram as Irmãs maristas, as Missionárias maristas e os Padres maristas. Participava também, como convidado à festa, todo o pessoal que trabalha na casa com os Irmãos, e alguns amigos e vizinhos com os quais se mantém relação, há anos: trapistas, Irmãzinhas de Foucauld e Mínimos. Estava para começar a missa, na grande capela. Atraiu-me a imagem de Maria, no conjunto central, devido à iluminação; destacava-se formosa e radiante. A seus pés, Champagnat, ajoelhado, junta as mãos em atitude de oração. Com a festa se toca o mistério e se amplia o mito. Estamos na capela dedicada a Maria. Ela, sentada, ocupa o centro; acolhe o filho em seu regaço, à guisa de trono. Os símbolos descrevem sua maternidade. Jesus menino, sentado e desnudo, encosta a cabecinha contra o coração da mãe; ele preside a cena.

Blocos robustos, apoiados nos quatro ângulos das paredes frontais, suportam a cúpula. Recordam os quatro grandes privilégios de Maria: Mãe de Deus, Medianeira, Imaculada e Assunta. À esquerda, próximo ao órgão, em baixo-relevo de terracota, está o anjo mensageiro da Palavra que traz o anúncio a Maria. À direita, em composição escultórica similar, Maria escuta e acolhe o Verbo em seu seio. Entre a representação do anjo que anuncia e de Maria que concebe, enquadra-se a dinâmica espiritual do altar, onde a Palavra é proclamada, celebrada e acolhida, em banquete de irmãos. A Palavra, que se fez carne em Maria, habita entre nós.

Pensei que a anunciação a Maria tinha alguma continuidade plástica no conjunto escultural e central da igreja e imaginava alguns capítulos da história de nossas origens. Com efeito, Marcelino, em seus anos de seminário, declarou-se "escravo de Maria". Maria é para Marcelino o modelo de fidelidade ao Senhor. E Marcelino, por sua vez, concebe em seu coração, por obra do Espírito Santo, a família dos Irmãos. Essa vivência de nosso fundador aparece-me como uma referencia claríssima ao rosto mariano da Igreja. A vida interior de Marcelino é orientada pela aplicação concreta do princípio mariano da Igreja.

Os maristas de Champagnat, Irmãozinhos de Maria, foram concebidos por Marcelino durante o tempo de sua formação no seminário. Esse tempo de formação interior foi um tempo de anunciação. O anjo do Senhor anunciou a Marcelino, como a Maria, e ele concebeu os Irmãos por obra do Espírito Santo. Essa gestação se completa no momento do esvaziamento interior, que dá origem a um seio materno em total disponibilidade, diante da vontade de Deus. A nova célula de Igreja, fecundada pelo carisma marista, é a origem de sua intuição: "Precisamos de Irmãos". Então, todos os maristas foram gerados pelo carisma de Champagnat. Nasce assim a Igreja integrada pelos maristas que creem e optam por viver sua fé e sua consagração a Deus, em comunidade de Irmãos.

O carisma marista, acolhido com plena abertura no coração de Marcelino, produz um primeiro fruto eclesial: o começo de uma família de crentes que se congregam como Irmãozinhos de Maria. "Este carisma foi uma graça para Marcelino, um dom especial

do Espírito, o fruto de seu próprio discernimento sobre o que Deus lhe pedia. Por meio desse processo foram despertando as intuições que esclareciam e davam um sentido integrador ao que, nesse momento, era o mais importante para ele; uma ideia mais clara do rumo a tomar, a identificação com um modo específico de viver em união com Cristo. Daqui emanava essa força interior - sua própria espiritualidade, - e a orientação para um apostolado centrado na educação cristã dos jovens, em particular, dos menos favorecidos."(Charles Howard, Circulares T 29 (1990) p. 252)

Num grupo de seminaristas em que os projetos se concebem orientados, sobretudo, pelo princípio petrino da Igreja, sobressai a atitude de Marcelino que, iluminado por uma intuição inspirada pelo princípio mariano, propõe insistentemente promover a participação dos fiéis leigos como presença imprescindível, no projeto da Sociedade de Maria para que resulte completo. Se faltam os Irmãos, falta algo de essencial no projeto. Sua intuição se expressa na frase "necessitamos de Irmãos". Essa atitude existencial de Marcelino, destacando a necessidade de crentes de base, num projeto eclesial suscitado e animado por clérigos, manifesta a profundidade com que Marcelino capta o mistério da Igreja. Podemos afirmar que em sua concepção prevaleceu o princípio mariano sobre o petrino. Numa organização de sacerdotes considerou que os Irmãos eram indispensáveis. Marcelino não elaborou teorias teológicas em torno do princípio mariano nem o conheceu como dado teológico, mas, colocou-o em prática e deu-lhe vida, adiantando-se profeticamente aos tempos futuros.

A lógica dessa anunciação, experimentada durante o tempo de formação como seminarista, tem um momento complementar, quando Champagnat dá à luz seu projeto, em La Valla. Entre esses dois extremos cronológicos, adquire perfeita unidade o Nazaré do seminário e o Belém de La Valla. O Nazaré do seminário propõe abundantemente a Palavra anunciadora. O anjo do Senhor se comunica com Marcelino, através da Palavra anunciadora de seus professores, diretores espirituais, confessores e companheiros de seminário. O Logos, o Verbo de Deus, se faz carne no coração de Marcelino.

Essa origem eclesial de nosso Instituto marca os Irmãos nos fundamentos da própria identidade. Nascemos na Igreja, da Igreja e para a Igreja, no âmago de um sim que aderia a uma nova encarnação da Igreja, em meio a um mundo desconcertado pela Revolução francesa. Se a primeira célula da Igreja foi Jesus feito homem, mediante o sim de Maria, a fecundidade de nossa vida como maristas – que dizem sim a Deus – não pode ser senão uma nova célula de Igreja que introduz a fraternidade no meio de um mundo dividido e afastado de Deus.

Aos Irmãos, essa origem, diretamente relacionada com o princípio mariano da Igreja, compromete-os a promover, defender e amar uma Igreja que vive na vanguarda da gestação da fé, em lugares de fronteira, na evangelização e na catequese. A Igreja-mãe concebeu - através do seio materno que fez morada no coração de Marcelino - uma nova comunidade de fé caracterizada pelo ser Irmãozinhos de Maria. Nascidos como clara expressão da maternidade de Maria na vida de Marcelino, a Instituição é um acontecimento destacado no rosto mariano da Igreja. Ser irmãos entre irmãos manifesta uma característica peculiar do rosto mariano da igreja. Fomentar a fecundidade da Igreja, pela difusão da fraternidade entre os homens e mulheres de hoje, torna evidente que o marista faz resplandecer o rosto mariano da Igreja. Viver em fraternidade, onde cabem raças, línguas e nações, é revelar um rosto mariano da Igreja de Jesus.

O conjunto escultural da grande capela da Casa geral me apresenta, pois, uma apoteose da anunciação de Maria a Marcelino. O olhar da Mãe depõe a Palavra nas mãos juntas e orantes de Marcelino. A atitude de Marcelino, de joelhos, voltado para a Mãe, em atitude de acolhida e com o olhar para o alto, é a descrição plástica do completo vazio de si, em Marcelino, de sua total disponibilidade, feito seio materno e paterno para que nasça a nova comunidade de crentes, que receberá o nome de Irmãozinhos de Maria. No centro, Jesus – o Senhor, – Verbo feito carne nas entranhas de Maria, é quem harmoniza e dá sentido a tudo quanto ocorre.

Cinco anjos proclamam a festa interior. Dois são músicos e três, cantores. Anjos da guarda e mensageiros dos cinco Continentes em que deve realizar-se a fecundidade dos filhos de Champagnat. Cinco bocas universais que retumbam um Magníficat pelas maravilhas que Deus realizou em Maria e em Marcelino. Cinco anjos convocam todas as dioceses do mundo onde se faz presente a fraternidade nascida do carisma marista. Cinco testemunhas dos feitos marianos da Igreja, encarnada nos maristas!

AMEstaún

Este artigo continua a sérire publicada aqui no site nos dias 20, 31 de maio, 20 de junho, 17 e 26 de novembro, 10 e 31 de dezembro de 2010.